

Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.) (2012)
Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas
Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais
ISBN: 978-989-8600-07-3

Alimentação e tempos sociais

PAULA MASCARENHAS

Universidade do Minho

pvmascarenhas@ics.uminho.pt

Resumo:

Conhecer as novas modalidades de sentir o tempo em relação às práticas alimentares, a partir das narrativas de vinte e nove grupos domésticos, é o objectivo principal desta comunicação. Inspirando-nos na teoria do tempo de Norbert Elias, pretendemos compreender as ligações entre a alimentação e os “tempos sociais”. Identificaremos a organização das ocupações alimentares no tempo através do sistema alimentar, desde a produção até ao consumo das refeições. Pretendemos demonstrar as conexões sociogenéticas entre a alimentação quotidiana e a organização das mesmas na temporalidade. Os resultados deste estudo reforçam a pertinência dos ritmos temporais específicos nas diferentes fases do sistema alimentar e na organização das tarefas alimentares domésticas numa sociedade em mudança. Nos grupos domésticos estudados foi possível verificar a presença de múltiplas configurações e a emergência de novas temporalidades alimentares nas refeições domésticas.

Palavras-chave:

Tempos sociais, práticas alimentares, organização/partilha das tarefas domésticas com a alimentação

“Se ninguém [me] perguntar [o que é o tempo], eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação que se nada sobrevivesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente... (Santo Agostinho, Confissões, 1997: 304). Pode ainda medir-se o tempo? Só é mensurável o tempo na medida que necessitamos dele para a nossa experiência de vida... (Santo Agostinho, 1977: 303).

Introdução

A alimentação humana é um fenómeno complexo, pluriforme e multidimensional. O ato alimentar interconecta diversos níveis da existência humana: o biológico, o psicológico, sociológico, o cultural, o económico, o político, o nutricional, o dietético, o gustativo, a identidade, a sociabilidade e a saúde.

Comer significa, simultaneamente, incorporar os alimentos para satisfazer a necessidade pulsional de garantir o funcionamento do metabolismo do organismo e a sobrevivência dos seres vivos (dimensões nutricionais). Também tem relação direta com a construção dos laços de pertença intergeracional, social e familiar, interferindo com os processos de produção e de recomposição das identidades.

Mas, como e quando comemos? Que tarefas domésticas circunscritas no tempo desencadeamos para a alimentação quotidiana? Com estas duas questões pretendemos compreender as ligações entre a alimentação e os “tempos sociais” identificando as percepções temporais da organização das tarefas domésticas alimentares, desde a produção até ao consumo das refeições através do discurso de vinte e nove grupos domésticos.

Assim, inspirando-nos na teoria do tempo social de Norbert Elias, pretendemos problematizar o tempo como representação da experiência social debruçando-nos sobre uma realidade singular: as práticas e os ritmos alimentares.

O texto estrutura-se em dois momentos distintos. No primeiro, apresentamos algumas tentativas de conceitualizações do tempo. Num segundo procedemos à análise das modalidades de sentir o tempo nos grupos domésticos em relação às práticas alimentares e à organização das tarefas ligadas com a alimentação.

1. Tempo e as práticas alimentares

Norbert Elias afirma que o tempo:

“Designa simbolicamente a relação que um grupo humano ou todo o grupo de seres vivos, dotados de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos em que um é normalizado para servir aos outros como quadro de referência e de escala de medida¹” (Elias, 1996: 52).

O mesmo autor explicita que:

“Os sujeitos humanos, autores da relação; e dois processos (ou mais) em que um deles joga um papel de continuum normalizado e de quadro de referência” (Ibidem, 1996: 53).

Ainda na mesma linha, considera o tempo:

“Como símbolo conceptual de uma síntese em via de constituição, isto é, uma operação complexa que coloca em relação diferentes processos evolutivos socialmente reconhecidos e normalizados” (Ibidem, 1996: 55).

Ao assumir-se que a alimentação é, simultaneamente, um ato biológico, social e cultural, perspectiva-se que se realiza no tempo social normativo, mas também no tempo criativo dos sujeitos. Na base de Norbert Elias, propomos uma perspectiva ecosófica da alimentação no tempo, a qual sugere uma visão holística e sistémica nas interações e dinâmicas entre a alimentação e os tempos da natureza e da sociedade.

Deste modo, concebemos que as experiências relacionais dos seres humanos com a alimentação e a organização dos tempos bioalimentares, assenta numa tripla dimensão: 1. A processual e histórica; 2. A “praxis”; 3. A coerciva, simbólica e imaginária (Figura 1).

¹ Tradução da autora.

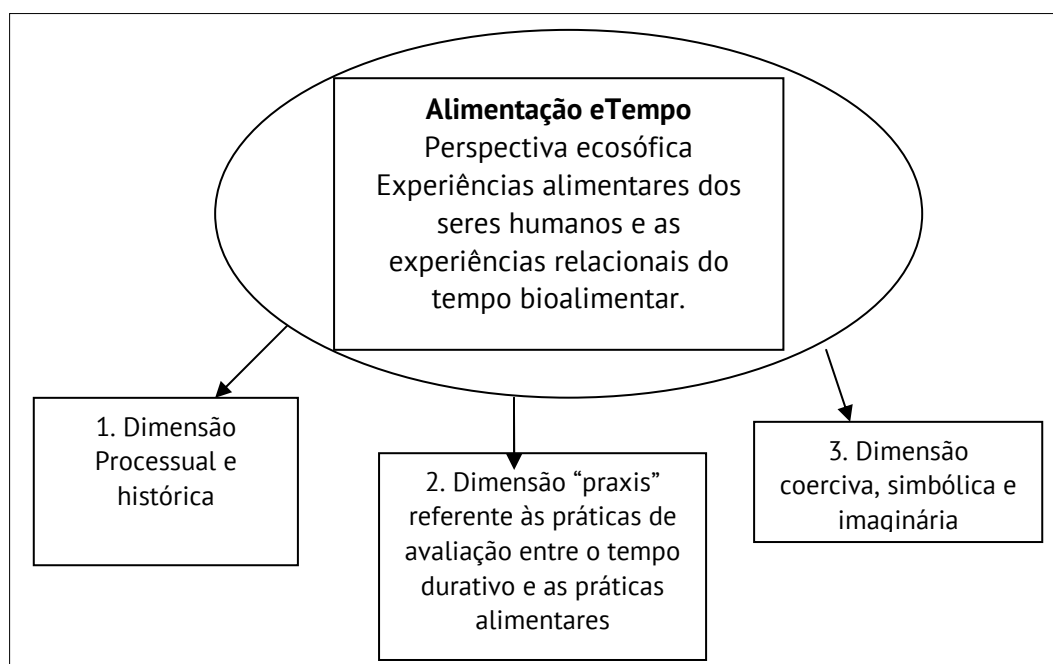


Figura 1: Conceito de Alimentação no tempo

O estudo da alimentação no tempo implica ter em conta os acontecimentos sociais e culturais considerados numa avaliação temporal em relação com as fases do sistema alimentar, a saber: - produção, aprovisionamento (autoconsumo, compra, trocas, dádivas), armazenamento, conservação, preparação, confeção e consumo nas refeições.

Relativamente à realização das tarefas domésticas alimentares, desempenhadas por um ou mais membros do grupo doméstico e às modalidades do sentir e interpretar o tempo para cada uma delas, importa precisar que elas se interconetam com o fenómeno da tecnicização dos instrumentos de medida do tempo, tais como os calendários, os horários, os relógios e as agendas, considerados como agenciamentos, a determinação do tempo social “ganhou autonomia em relação ao tempo físico, tornando as relações indirectas mas não interrompidas” (Elias, 1996: 50).

Convocamos ainda neste momento, o conceito de configuração social que pode aplicar-se quer a grupos relativamente pequenos (os vinte e nove grupos domésticos) quer a sociedades constituídas de modos interdependentes (habitantes do concelho de Cascais ou de Portugal por exemplo), de modo a perceber as práticas alimentares no tempo e com o tempo.

O conceito de “configuração social” sustentado por Elias, implica as formas específicas de interdependência que ligam os indivíduos entre si e assume-se como núcleo de outras configurações:

“Uma configuração de homens orientados, uns para os outros e dependentes uns dos outros. Como os homens são, por natureza e, depois, em virtude da aprendizagem social, da educação, da socialização e de necessidades criadas pela sociedade, mais ou menos dependentes uns dos outros, eles só ocorrem [...] como pluralidades e só aparecem em configurações” (Elias, 1989: 45).

Em síntese, podemos concluir que, numa configuração social evolutiva, a duração das práticas alimentares individuais, os gostos alimentares, as ideias sobre a alimentação, a estratificação social, o poder político e a organização económica se encontram inextricavelmente entrelaçados e diferenciam-se pela sua duração e complexidade, tornando-se indispensável a sua análise (Mascarenhas, 2007). Todavia, as grandes configurações não podem ser percecionadas diretamente já que:

“As cadeias de interdependência que ligam os indivíduos são maiores e mais diferenciadas. As configurações actuais são complexas e terão por consequência de ser abordadas indirectamente e compreendidas mediante uma análise dos elos de interdependência” (Eliás, 1980: 143).

2. Metodologia

As técnicas de recolha de dados utilizadas foram as seguintes: a história de vida alimentar considerada como biografia alimentar, a entrevista em profundidade e a entrevista semi-estruturada. Nesta última, estabelecemos uma grelha de tarefas domésticas ligadas à alimentação de acordo com as considerações teóricas de Stephen Mennel (1992) e Mabel Gracia (1996).

Assim a elaboração da grelha contemplou as tarefas alimentares nas diferentes fases do sistema alimentar tais como a produção (horticultura, fruticultura, criação de animais, as técnicas de produção, etc.), o aprovisionamento (compra, trocas e dádivas), a armazenagem e conservação dos alimentos, a preparação e a confeção culinária, o serviço de mesa (pôr e levantar a mesa), o tipo de baixela, a limpeza e a arrumação dos utensílios, a manutenção e limpeza do equipamento e do espaço culinário, a reutilização/reciclagem das sobras, dar a comida às crianças e idosos incapacitados, a separação dos resíduos sólidos, a cronometração do tempo, o controlo da qualidade dos alimentos, as planificações do aprovisionamento e das ementas, a supervisão das existências, a atenção e cuidados com a saúde familiar, a transmissão dos saberes alimentares e culinários (Mascarenhas, 2007). Acresce-se ainda o cuidado de satisfazer os gostos alimentares dos membros do grupo doméstico entre outras atividades diárias do trabalho doméstico, tais como o cuidar e educar os filhos, prestar cuidados de saúde familiar, limpeza da casa, limpeza da roupa, etc. Incluímos ainda a existência de partilha/delegação destas tarefas pelos membros do grupo doméstico, por um outro membro familiar ou por serviço doméstico.

Relativamente à análise de dados, recorreremos tanto a técnicas quantitativas como a qualitativas. Utilizámos a análise de conteúdo em categorias da informação recolhida através das entrevistas semi-estruturadas e a análise de conteúdo temática em relação às histórias de vida alimentar centradas nas mudanças da divisão sexual do trabalho doméstico alimentar.

A amostra envolveu vinte e nove grupos domésticos, num total de sessenta pessoas entrevistadas. A sua dimensão poderia ter sido maior, todavia, consideramo-la apropriada

devido, por um lado, à dificuldade de recolha e análise de dados e, por outro, porque atingimos a saturação pretendida. A amostra obedece essencialmente a critérios de *significatividade* do número de casos, tendo em conta a função do investigador, o problema em estudo e a perspetiva teórica adotada. Em primeiro, combinámos sete variáveis sociodemográficas (“sexo”, “idade”, “dimensão, composição e estrutura familiar”, nível de rendimentos”, “nível de instrução”, “categorias socioprofissionais”, “origem geográfica” porque estas podem condicionar as práticas alimentares e a organização das actividades no tempo. Para abordar o carácter significativo e intensivo deste estudo, como referimos anteriormente, escolhemos a amostragem intencional. Os grupos são seleccionados de acordo com os critérios estabelecidos por nós e acima descritos.

Assim, a amostra contempla vinte e nove grupos domésticos que se distribuem quanto à sua estrutura familiar da seguinte maneira: um de estrutura familiar alargada, catorze famílias nucleares com filhos (pequenos, adolescentes e adultos), duas famílias nucleares sem filhos, quatro monoparentais e oito grupos domésticos unipessoais.

Levantamos como hipótese de trabalho o seguinte percurso de investigação cujos pilares assentam nos processos que a seguir elencamos:

- Primeira hipótese: a organização das actividades alimentares no tempo apresentam configurações diferenciadas de acordo com a herança intergeracional e familiar das práticas alimentares e das sensibilidades relativamente à estética do ato alimentar.
- Segunda hipótese. O processo de tecnificação das práticas alimentares obriga a que sejam introduzidas alterações significativas que modificam as modalidades de sentir o tempo enquanto *modus vivendi* alimentar. (na comida viver o tempo).
- Terceira hipótese: O processo de tecnicização das práticas alimentares implica uma alteração desde a aquisição dos alimentos à preparação/confeção dos alimentos com efeito direto na organização das tarefas domésticas no tempo e a autopercepção das mesmas.

Para esta comunicação baseamo-me apenas na avaliação do modo de sentir o tempo em relação às tarefas domésticas alimentares quotidianas, incluindo a responsabilidade ou delegação destas ocupações.

3. Análise das “sensações” temporais

As diferentes constatações empíricas (Mennel *et al.*, 1992; Goodman e Redclift, 1991; Devault 1991; Gracia, 1996; Valagão, 1990; Sullivan, 2000; Wall *et al.*, 2005) permitem-nos generalizar que as mulheres têm sido responsáveis, etnográfica e historicamente pela alimentação quotidiana, excetuando aquelas que pertencem aos grupos sociais de elite.

Referindo-se a uma de muitas tarefas com a alimentação, a confeção dos alimentos ou seja cozinhar, Mennell (1987) demonstra que, na maioria das culturas e, através do tempo, as mulheres estão associadas à confeção doméstica dos alimentos (cozinha

doméstica); enquanto nas sociedades complexas onde se desenvolve uma cozinha profissional elaborada socialmente prestigiada e diferenciada tanto técnica como socialmente, em relação à cozinha quotidiana dos grupos sociais de cariz popular e burguesa, o papel de cozinheiro – o chefe - é desempenhado pelo género masculino. Do mesmo modo, Jack Goody (1998) argumenta que, em tempos da hegemonia egípcia, os homens utilizavam as receitas praticadas diariamente pelas mulheres na esfera doméstica para conformar a cozinha cortesã, caracterizada por um reconhecimento social que em nada se compara com o trabalho doméstico alimentar diário. Esta diferenciação entre as duas cozinhas, a diária feminina e a especializada masculina, serve-nos de introdução para a divisão sexual do trabalho doméstico quotidiano alimentar nos grupos domésticos.

Os trabalhos empíricos sobre as mudanças na divisão do trabalho doméstico nos últimos vinte anos do século XX constataam que algumas alterações emergem na contribuição relativa do homem no trabalho doméstico no período entre 1975 e 1997 (Vanek, 1974; Oakley, 1974; Baxter, 1992; Warde e Hetherington, 1993; Benjamin e Sullivan, 1999; citados em Sullivan 2000). Contudo, esta tendência crescente da participação masculina no tempo despendido em trabalhos domésticos e, por conseguinte, uma diminuição relativa feminina de algumas rotinas, segundo Oriel Sullivan (2000) são mais evidentes entre os casais trabalhadores a tempo inteiro e em categorias socioprofissionais mais baixas. Contudo, algumas pesquisas a um nível diferente de análise focam a mudança nas ideologias masculinas (Gerson e Peiss, 1985; Benjamin e Sullivan, 1999; Crompton, 1999, citados em Sullivan, 2000).

De facto, a um nível de análise microsocial, outros trabalhos empíricos constataam que a responsabilidade do trabalho doméstico alimentar recai sobre a mulher, apesar da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho (Hunt, 1980, Pollert, 1981, West, 1982, citados em Mennel *et al.* (1992). Isto implica uma duplicação de trabalho e uma conciliação mais ou menos conseguida entre o trabalho doméstico e extradoméstico de carácter profissional, podendo ascender, em alguns grupos domésticos, a mais de quinze horas de trabalho diário. Poderá haver delegação parcial de algumas tarefas domésticas alimentares, pois:

“nem todas as mulheres assumem as responsabilidades alimentares, nem todas as delegam ou compartilham com os outros membros do grupo doméstico”
(Gracia, 1996: 32).

De facto, nos grupos domésticos, a responsabilidade das tarefas domésticas quotidianas alimentares são maioritariamente assumidas por mulheres, inclusive quando ambos exercem um trabalho extra doméstico remunerado a tempo inteiro. Atendendo ao nível etário do *corpus* que seleccionámos na amostra por pretendermos compreender as mudanças na cultura alimentar, verificamos que, ao contrário do que pode acontecer com as gerações mais jovens, os grupos domésticos aqui visados continuam a reproduzir a herança intergeracional e familiar da divisão sexual do trabalho doméstico, remetendo para as mulheres as responsabilidades dos cuidados com a alimentação e das tarefas domésticas quotidianas.

Relembramos ainda que os dados recolhidos sobre a participação dos diferentes membros em relação à responsabilidade da alimentação e ao trabalho doméstico provêm das entrevistas em profundidade e das entrevistas semi-estruturadas, o que nos permite perfilar a subjetividade com que os diferentes membros do grupo doméstico vivenciam a sua participação nas tarefas domésticas alimentares e o tempo que lhes dedicam a cada uma delas. Por isso, denominamos as “sensações temporais” do trabalho doméstico alimentar dado que, não nos foi possível contrastá-los com a observação direta em todos os grupos domésticos, o que nos permitiria estabelecer clivagens entre os discursos e as práticas.

Assim, o entendimento sobre a participação pode levar a constrangimentos interpretativos dos dados. Uma pessoa pode entender por “participar”: “desde protagonizar a execução de uma actividade ou, pelo contrário, considerar-se como membro participante pelo facto de ajudar pontualmente e de forma esporádica” (Gracia, 1996: 44).

As sensações temporais das tarefas domésticas alimentares variam segundo a estrutura familiar dos grupos domésticos como mostra o seguinte quadro:

Tarefas alimentares	A	B	C	D	E	F	G
Produção	0	0	0	0	0	0	2h
Aprovisionamento semanal	0h 30	1h00	2h00	2h30	2h00	2h00	2h30
Armazenagem semanal	0h10	0h10	0h15	0h15	0h15	0h15	0h20
Conservação semanal	0h10	0h10	0h15	0h15	0h15	0h15	0h15
Preparação alimentos	0h10	0h15	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20
Confeção culinária	0h40	1h00	1h 30	1h 20	1h 30	1h 30	1h 30
Serviço (pôr e levantar a mesa)	0h10	0h20	0h 30	0h 30	0h 30	0h 30	0h 30
Duração das 3 refeições principais	0h40	1h00	1h 30	1h 30	1h 30	1h 30	1h 30
Limpeza, arrumação dos utensílios	0h10	0h20	0h 30	0h 30	0h 30	0h 30	0h 30
Manutenção e limpeza do equipamento e espaço culinário	0h10	0h20	0h 30	0h 30	0h 30	0h 30	0h 30
Dar de comer (filhos e idosos incapacitados)	0h00	0h00	0h 50	0h 00	0h 50	0h 00	0h 30
Cronometração do tempo	0h00	0h10	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20	0h 30
Controlo de qualidade	0h10	0h10	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20	0h 30
Organização das ementas	0h00	0h15	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20
Planificação semanal aprovisionamento	0h00	0h15	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20	0h 20

Quadro 1: Sensações temporais das tarefas alimentares segundo a estrutura familiar do grupo doméstico nos dias laborais e não laborais.

Fonte: Levantamento da autora através das entrevistas semi-estruturadas. Legenda: A: GD unipessoal; B: GD Nucleares s/ filhos; C: GD Nucleares c/ filhos pequenos; D: GD: Nucleares c/ filhos adolescentes ou adultos; E: GD: Monoparentais c/ filhos pequenos; F: GD: Monoparentais c/ filhos adolescentes ou adultos; G: GD: Alargadas.

Os grupos domésticos de estrutura familiar unipessoal (Grupo A) referem dedicar cerca de 2h 10m com as tarefas domésticas alimentares quotidianas nos dias laborais e três nos dias não laborais (Gráfico 1). A existência de filhos no grupo doméstico tem influência direta na duração das ocupações alimentares. De facto, nos grupos domésticos de estrutura familiar nuclear sem filhos (Grupo B), o trabalho doméstico com a alimentação aumenta em duas horas em relação à primeira situação, porém, diminui mais de três horas em relação às famílias nucleares (Grupos C e D) ou monoparentais com filhos pequenos e adolescentes

(Grupos E e F) ou famílias alargadas. No entanto, estas perceções temporais das actividades alimentares merecem algumas considerações, a saber: as mulheres realizam várias tarefas em simultâneo pelo que o número total de horas apercebidas pode ser inferior na realidade ou superior em determinados dias que envolvem outras tarefas domésticas alimentares tais como as compras, o armazenamento e a conservação.

O gráfico 1 mostra-nos a disparidade das perceções temporais das tarefas domésticas alimentares quotidianas nos dias laborais e não laborais segundo as estruturas familiares.

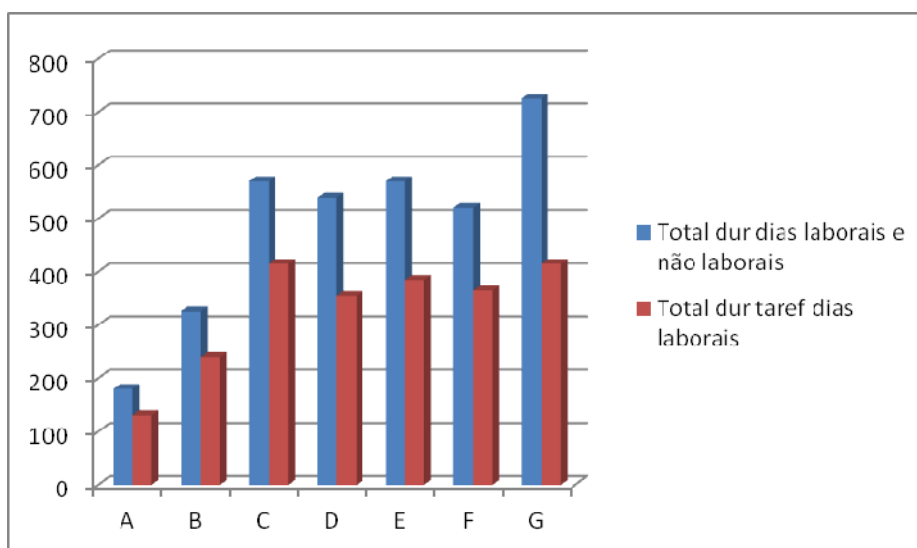


Gráfico 1: Perceções temporais em minutos das tarefas alimentares quotidianas segundo a estrutura familiar

Fonte: Tratamento e análise dos dados pela autora através da grelha trabalho doméstico alimentar

Interessa também referir que a responsabilidade das tarefas domésticas alimentares varia também segundo a dimensão e o lugar que cada um ocupa dentro do grupo doméstico. Quando existem mais de duas mulheres responsáveis no lar, situação que se dá em um dos casos do nosso estudo, constituído por dois núcleos familiares (Grupo G), as práticas alimentares recaem sobre as duas mulheres de forma indistinta, excetuando as atividades de produção de alguns alimentos (hortaliças, frutas e tubérculos) que são executadas pelo homem mais idoso. Ambas as mulheres trabalham fora de casa mas é a mais velha que concentra as tarefas relacionadas com a alimentação doméstica tais como a confeção culinária e a limpeza dos utensílios de cozinha. Contudo, quase todos os membros realizam as suas refeições do almoço fora de casa nos dias laborais, exceto o membro masculino do casal mais velho que se encontra em situação de reforma. Apenas nas situações em que há convidados, as tarefas de preparação e confeção culinárias são compartilhadas entre o marido e mulher do núcleo familiar mais idoso.

Além da estrutura familiar e da dimensão do grupo doméstico, as variáveis “sexo”, “idade”, “profissão” e “nível de instrução” são relevantes para o estudo das práticas alimentares no tempo, em particular na participação do trabalho doméstico alimentar (Mennel et al, 1992; Gracia, 1996). Nos grupos domésticos, com exceção dos grupos unipessoais e monoparentais, a participação masculina, mesmo quando esta existe, é

partilhada pelos dois membros apenas num casal jovem de trinta anos, de estrutura familiar nuclear com filhos pequenos (GD: C), com estudos superiores e em que ambos exercem um trabalho exterior remunerado a tempo inteiro. Um deles, o marido, prepara os alimentos e confeciona os pratos das refeições dos dias laborais, realiza a limpeza e recolha dos utensílios na máquina de lavar a loiça enquanto a mulher prepara e confeciona as refeições dos dias não laborais, faz a previsão das ausências, planifica a lista das compras, se encarrega das compras semanais, prepara o serviço (pôr e levantar a mesa); ambos realizam as tarefas de armazenagem e arrumação das compras e dão de comer aos dois filhos pequenos. Esta participação masculina nas tarefas da compra e de cozinhar é apercebida de diferentes maneiras: a tarefa de cozinhar é considerada como positiva, ir às compras pode ser apercebida negativamente como uma obrigação e positivamente como saída familiar. Neste caso, ir às compras alimentares em família nos centros comerciais pode ser acompanhada de outras atividades mais ligadas ao lazer tais como “comer fora de casa”, ir ao cinema, ir às compras, entre outras.

A delegação por parte das mulheres de algumas tarefas domésticas alimentares torna-se difícil porque elas concentram conhecimentos em relação à gestão doméstica e aos saberes alimentares e culinários. Mesmo quando esta existe, verificamos a existência de um sentimento de culpabilidade por parte de algumas mulheres em deixar de fazer as tarefas de cozinhar dado que a preparação culinária é a tarefa mais valorizada, estando vinculada a uma herança familiar de um saber-fazer culinário, a valores gastronómicos, à saúde e ao cuidar da família. No entanto, a delegação das tarefas a pessoal doméstico é mais fácil em “determinadas partes do processo culinário que são menos agradáveis e pouco relevantes tais como a limpeza dos alimentos (peixe ou legumes e verduras frescas), a armazenagem e a conservação dos alimentos, a limpeza dos utensílios e da cozinha” (Gracia, 1996: 63).

Numa perspetiva diacrónica, consideremos, agora, as temporalidades das refeições quotidianas de dois membros dos grupos domésticos com diferenças geracionais nos anos cinquenta do século passado:

“Ainda nos anos cinquenta, quando trabalhava na lavoura, o primeiro almoço era pelas 6 e meia (...) O segundo almoço era pelas 11 horas (...) e o jantar pelas 17 horas” (G.D. nº 20.1. Homem. 81 anos. Nuclear. 3 Membros. Ensino Primário. Profissão, Pedreiro, reformado).

“O meu pequeno-almoço era pelas 8 horas antes de ir para a escola (...) O almoço pelas 13h (...) e o jantar às 19h” (G.D. nº 3. Mulher. 59 anos. Unipessoal. 1 membro. Ensino Primário. Profissão, empregada de limpeza).

No primeiro grupo, os horários das refeições estão estruturados pelo trabalho no campo. No segundo, a deslocação dos horários das refeições está relacionada com os constrangimentos temporais das atividades escolares. A aproximação aos ritmos temporais das refeições quotidianas de hoje, faz-se progressivamente em Portugal a partir dos princípios do século XX (Drumond, 2004).

Três mecanismos podem explicar a racionalização e a normalização das temporalidades alimentares em relação às refeições: “o processo de distinção social, o mito da igualdade e a importância do pensamento higienista” (Poulain, 2002: 35). Contudo, as

deslocações dos horários das refeições estão também relacionadas com as transformações da vida quotidiana, nomeadamente as que estão ligadas com as novas formas de trabalho remunerado (Flandrin e Montanari, 2001). Mas estas mudanças dos ritmos temporais das refeições devem-se também a trajetórias individuais e familiares e, ainda, à escolaridade obrigatória das novas gerações, assim como aos novos valores das atividades de lazer.

De fato, a temporalidade das refeições de hoje são diferentes. Destacamos as temporalidades e as durações das três principais refeições:

- O *pequeno-almoço*: nos dias laborais, esta refeição realiza-se antes das nove horas da manhã, entre as 7h30 e as 8h40. A sua duração é aproximadamente de 20 minutos. Em contrapartida, verificamos a deslocação de cerca de uma hora nos dias não laborais.
- O *almoço*: nos dias laborais, a maioria dos nossos entrevistados inicia esta refeição antes das 13 horas. A sua duração oscila entre 30m e 50m. Em contraponto, nos dias não laborais almoça-se mais tarde, sendo a sua duração média de 52 minutos.
- O *jantar*: esta refeição inicia-se entre as 20h e as 21h em semana, sendo a sua duração média de 50 minutos. Nos dias não laborais, o jantar pode realizar-se até às 21h30. A sua duração média é de 60 minutos.

Poderemos concluir que a organização das atividades alimentares no tempo apresentam múltiplas configurações diferenciadas que se explicam em função da herança intergeracional e familiar e também do grau de responsabilidade pelas práticas alimentares, assim como das sensibilidades relativamente à estética do ato alimentar. A introdução de novas tecnologias no espaço doméstico, acompanhada de uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho, proporciona uma alteração ambígua na avaliação temporal do trabalho doméstico alimentar. Assim, a incorporação de equipamento doméstico pode significar uma duplicação de trabalho: as mulheres assumem o trabalho profissional e a responsabilidade do trabalho doméstico alimentar.

De forma a conciliarem o trabalho profissional remunerado e o trabalho doméstico, as mulheres entrevistadas encontram estratégias de redução do tempo dedicado em determinadas tarefas alimentares tais como a preparação dos alimentos, a confeção culinária e a limpeza, delegando-as em pessoal exterior ao grupo doméstico, um ato mais frequente nos grupos domésticos de estrutura nuclear com filhos e nas categorias socioprofissionais mais elevadas. Nestas articulam-se de forma simultânea, o recurso à restauração coletiva e privada, ao *take away* de refeições provenientes do *fastfood* e das cozinhas tradicional e internacional. Assiste-se a uma tendência para a simplificação das figurações das refeições em casa nos dias laborais e, ainda, à incorporação de alimentos-serviços (refeições congeladas, pratos pré-cozinhados ou em conserva) que reduzem o trabalho e o tempo (Fischler, 1993). A mobilização destes alimentos é considerada como uma estratégia para agilizar o trabalho doméstico alimentar e economizar tempo em relação à organização da ementa, à preparação dos alimentos (lavar, descascar, cortar, triturar), à confeção culinária e à limpeza de determinados apetrechos de cozinha.

Não podemos esquecer que, contrariamente ao que é percebido pelos próprios indivíduos, e como salienta Murcott (1983), a introdução da moderna tecnologia na indústria agroalimentar e no espaço da cozinha proporciona um ambíguo e parcial desafogo da dupla carga das tarefas domésticas ou uma dupla atribuição feminina. No fundo, a incorporação tecnológica no espaço doméstico pode significar a criação de uma mais-valia, dado que permite às mulheres trabalhar fora de casa e, simultaneamente cuidar dos filhos e da casa. Mas, esta tecnicização também é responsável por complicar ainda mais as tarefas domésticas, pois não as anulam, apenas modificam o processo de trabalho implícito (Murcott, 1983). As percepções das nossas entrevistadas em relação à economia de tempo ou à diminuição das tarefas mais pesadas são, por isso, relativas porque, na verdade, isso obriga-as a saber mais sobre os ingredientes, a preparação culinária, os conteúdos alimentares e técnicas de preparação e a manutenção/manuseamento dos aparelhos domésticos, o que significa um aumento do nível de exigência.

Este processo de intensificação do tecnológico e a disponibilidade de refeições de tipo alimento-serviço permitiram aceder ao alimento a qualquer hora, privilegiando-se um comer regido pelo tempo individual, embora sempre sujeito a um ritmo de vida estandardizado. A impossibilidade de reunir toda a família à mesa, uma vez que as atividades dos seus membros não coincidiam no tempo, impede-as de manter a partilha das refeições- essencialmente a do almoço- num mesmo horário, comer o mesmo tipo de prato e controlar as regras e as maneiras de civilidade à mesa. Pode afirmar-se que estas mudanças nas práticas alimentares trouxeram implicações importantes, tornando as refeições menos dependentes das tarefas e saberes quase exclusivamente femininos e das relações existentes no seio da família, especialmente à medida que os filhos crescem.

Conclusão

O tempo está, por conseguinte, na “raiz de toda a experiência entendida como a percepção de alguma coisa – de estar aqui, de estar incorporado no lugar em que o sujeito habitava” (Zambrano, 1994: 27). As experiências relacionais entre os seres humanos [e a alimentação] num determinado tempo são incorporadas através de uma disposição interna em forma de síntese coletiva, isto é, a capacidade de serem estabelecidas interconexões entre os indivíduos por intermédio de símbolos coletivos (Elias, 1996). Esta capacidade é inata, isto é, a capacidade de utilizar e reconhecer intuitivamente o símbolo porque está gravada e estratificada ao longo dos séculos na consciência do sujeito a que Damásio (2000) chama de “memória autobiográfica”. Norbert Elias afirma que esta capacidade inata é ativada, regulada e modelada pela experiência pessoal ao longo dos processos de aprendizagem intergeracional que permite ao sujeito o aperfeiçoamento dos meios de orientação dentro da comunidade e do sistema social. Eis o fundamento do processo de socialização alimentar.

Os objetivos principais desta comunicação foram, justamente, dar a conhecer as novas modalidades de sentir o tempo em relação às práticas alimentares e as percepções temporais das tarefas domésticas quotidianas ligadas com a alimentação. Inspirando-nos na teoria do tempo de Norbert Elias, propusemos uma visão ecosófica da alimentação no tempo

de forma a estudar as interconexões entre as dimensões do ato alimentar e a organização das tarefas alimentares domésticas quotidianas na temporalidade.

Os resultados deste estudo reforçam a acutilância dos ritmos temporais específicos nas diferentes fases do sistema alimentar e na organização das tarefas alimentares domésticas numa sociedade em mudança. Foi possível verificar, nos grupos domésticos estudados, a presença de múltiplas configurações e a emergência de novas temporalidades alimentares nas refeições domésticas.

Atendendo ao nível etário do *corpus* que elegemos para análise, verificamos que, ao contrário do que acontece com as gerações mais jovens, os grupos domésticos aqui visados não só mantêm uma memória intergeracional vincada no que respeita às práticas e tempos alimentares, como continuam a viver a experiência alimentar como ato estético e sagrado. Não deixam, porém, de estar abertos a propostas alimentares mais ligeiras. Atitude que reflete a capacidade de adaptação às exigências apresentadas pelo “novo tempo socioeconómico” (de constrangimentos económicos, laborais, escolares e educacionais). O trabalho sobre as margens desta capacidade de adaptação conduz a uma reavaliação das práticas alimentares e abre sulcos para uma nova consciência ecológica, que envolve desde as preocupações com a saúde, as preocupações estéticas até as novas filosofias religiosas, cuja visões exigem, na maior parte dos casos, que o sujeito repense a sua alimentação, daí emergindo uma nova moral e uma nova ética na relação com a experiência alimentar.

Referências

- Baxter, J. (1992). Power, Attitudes and Time: The domestic Division of Labour. *Journal of Comparative Family Studies*, 2, 165-82.
- Benjamin, O., & Sullivan, O. (1999). Relational Resources, Gender Consciousness and Possibilities of Change in Marital Relationships. *Sociological Review*, 47, 794-20.
- Crompton, R. (1999). Attitudes, Women's Employment and the Changing Domestic Division of Labour. In R. Crompton (ed.), *Restructuring Gender Relations and Employment*. Oxford: Oxford University Press.
- Damásio, A. (2000). *O Sentimento de Si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Devault, M. L. (1991). *Feeding the family: the social organization of caring as gendered work*. Chicago: Chicago University Press.
- Drumond Braga, I., (2004.). *Do Primeiro Almoço à Ceia. Estudos de História da Alimentação*. Sintra: Colares Editora.
- Elias, Norbert (1996). *Du temps*. Paris: Fayard, trad. francesa (1ª ed.), 1984.
- Elias, Norbert (1980). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, trad. portuguesa (1ª ed.), 1970.
- Flandrin, J. L. & Montanari, M. (coord.) (2001). *História da alimentação, 2. Da Idade Média aos tempos actuais*. Lisboa: Terramar Editores, trad. Portuguesa (1ª ed), 1996.
- Fischler, C. (1993). *L' Homnivore: le gout, la cuisine et le corps*. Paris: Editions Odile Jacob (1ª ed.), 1990.

- Gerson, J. M. & Peiss, K. (1985). Boundaries, Negotiation, Consciousness: Reconceptualizing Gender Relations. *Social Problems*, 32, 317-31.
- Goody, J. (1998). *Cozinha, Culinária e Classes: um Estudo de Sociologia Comparativa*. Oeiras: Celta Editora, trad. Portuguesa (1ª ed.) 1982.
- Goodman, D. & Redclift, M. (1991). *Refashioning Nature. Food, Ecology and Culture*. Londres: Routledge.
- Gracia, Mabel (1996). *Paradojas de la alimentación contemporánea*. Barcelona: Icaria.
- Grignon, C. (1994). La règle, la mode et le travail: la genèse sociale du modèle des repas français contemporain. In M. Aymard, C. Grignon e F. Sabban (1994), *Le temps de manger. Alimentation et rythmes sociaux*. Paris: Editions de la Maison des sciences de l'homme, Institut de la Recherche Agronomique (1ª ed.), 1993, 275-323.
- Hunt, P. (1980). *Gender and Class Consciousness*. London: Macmillan.
- Mascarenhas, M. P. (2007). *A Cultura Alimentar nos Grupos Domésticos: Cascais 1960-2005*, Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho, edição em CD-ROM.
- Mennell, S. (1994). Les conexions sociogénétiques entre alimentation et l'organisation du temps. In M. Aymard, C. Grignon e F. Sabban (dir.), *Le temps de manger. Alimentation et rythmes sociaux*. Paris: Editions de la Maison des sciences de l'homme, Institut de la Recherche Agronomique (1ª ed.), 1993, 41-54.
- Mennell, S. (1987). *Français et Anglais à table du Moyen âge à nos jours*, trad. francesa. Paris: Flammarion (1ª ed.).
- Mennell, S.; Murcott, A. & Van Otterloo, A. H. (1992). *The sociology of food. Eating, diet and culture*. Londres: Sage.
- Murcott, (1983). Women's place: cookbooks images of technique and technology in the British Kitchen. *Womens's Studies International Forum*, Vol. 6, 1, 33-9.
- Oakley, A. (1974). *The Sociology of Housework*. Londres: Martin Robertson.
- Pollert, A. (1981). *Girls, Wives, Factory Lives*. London: Macmillan.
- Poulain, J.-P. (2002). *Manger aujourd'hui. Attitudes, normes et pratiques*. Paris: Privat.
- Reis, J. C. (1996). O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e "Annales": uma articulação possível. *Síntese Nova Fase*, 23, 73, 229-52.
- Santo Agostinho (1997). *Confissões*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa.
- Sullivan, O. (2000). The Division of Domestic Labour: Twenty Years of Change? *Sociology*, 34, 437-56.
- Valagão, M. M. (1990). *Práticas alimentares numa Sociedade em Mudança. Estudo de caso numa Freguesia do Alto-Douro*, dissertação de doutoramento. Monte da Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Nova de Lisboa, policopiado.
- Vanek, J. (1974). Time Spent in Housework. *Scientific American*, 231, 116-20.
- Warde, A. & Hetherington, K. (1993). A Changing Domestic Division of Labour? Issues of Measurement and Interpretation. *Work, Employment and Society*, 7, 23-45.
- Wall, K., Guerreiro, M. (2005). A divisão familiar do trabalho doméstico. In K. Wall (org) (2005) *Famílias em Portugal*. Lisboa: ICS, 6, 303-362.

West, J. (1982). *Work, Women and Labour Market*. London: Routledge & Kegan Paul.

Zambrano, M. (1994). *Os Sonhos e o Tempo*. Lisboa: Relógio D' Água Editores, trad. Portuguesa (1ª ed.).